

Comunidades de Vizinhança em Portugal e na França: lidando com o isolamento social e a solidão dos idosos¹



Por Denise Azevedo Magalhães Silva

O interesse por comunidades de vizinhança surgiu depois do contato com uma realidade até então por mim desconhecida: morriam idosos de Portugal que moravam sós e foram encontrados mortos depois de larga margem de tempo, sem que ninguém notasse sua falta. O caso de uma senhora encontrada morta depois de nove anos foi o mais grave e chocante.²

A partir dessas informações, surgiu o interesse em conhecer como viviam os idosos de Portugal. O contato com um artigo intitulado “Trás-os-Montes Desertificado” foi outra surpresa. O artigo mostrava a realidade de aldeias praticamente desertas, onde viviam apenas alguns idosos isolados e sós, porque os mais jovens saíam para estudar fora, buscando uma “vida melhor”, em outro lugar de Portugal ou em distintos países da Europa. A informação nos instigou a conhecer como Portugal lidava com as questões que cercam o isolamento dos idosos, e no decorrer da pesquisa identificou-se um projeto, na cidade do Porto, denominado Comunidades de Vizinhança, que despertou a atenção e será descrito neste estudo.

¹ Artigo apresentado à banca examinadora como exigência para obtenção do título de especialista em Gerontologia pela PUC/SP, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Beltrina Côrte, 2014.

² Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1780024&seccao=Sul

Na mesma época, a leitura de três artigos - Ajuda à Pessoa Idosa, Os Vizinhos, a Segunda Família, e Moradia Kanguru – nos colocou em contato com ações desenvolvidas na França por meio das relações de vizinhança e solidariedade no combate e prevenção ao isolamento dos idosos. Identificou-se um projeto, o *Voisin-Age*, que traduzido literalmente significa Vizinho-Idade. Das duas palavras surge o termo *voisinage*, que significa vizinhança, e que aqui será analisado.

A partir dessas informações procurou-se investigar as ações desenvolvidas em Portugal e na França, a partir do suporte informal, baseado nas relações de vizinhança e solidariedade, para lidar com o isolamento social e a solidão dos idosos. Quais mecanismos desenvolvidos para referenciar os idosos que têm pouca ou nenhuma visibilidade? Quais as ações desenvolvidas para prevenir e reduzir a incidência dos fenômenos?

Na busca de respostas iniciou-se o estudo com o levantamento de bases teóricas que apoiassem a análise da investigação. Em seguida, utilizando a pesquisa documental, foi realizado um levantamento aleatório em jornais e *sites*, para então chegar àqueles que abrigam os modelos de comunidade solidária analisados em ambos os países. Segundo May (2004, p. 205-206), a pesquisa documental é utilizada por diversas áreas do conhecimento, pois “há ampla variedade de fontes documentais à nossa disposição para a pesquisa social”. Segundo Gomes (2003) na experiência em pesquisa não existem fronteiras nítidas entre coleta das informações, início do processo de análise e interpretação.

A seguir são apresentadas as comunidades selecionadas e as reflexões surgidas, procurando contribuir com futuros estudos e programas relacionados a redes de suportes sociais para o longeviver.

Isolamento social e solidão

O isolamento social e a solidão na velhice são objeto de estudos pelos efeitos devastadores que têm sobre os idosos, influenciando a saúde e podendo levá-los à morte. Os fenômenos ocorrem em qualquer fase da vida, mas na velhice há um agravante, pois pessoas com 75 anos ou acima são as mais vulneráveis, pois nessa fase podem surgir dependências físicas, déficits cognitivos, dificuldade com o autocuidado e, conseqüentemente, com a manutenção de uma vida independente.

As pessoas idosas isoladas, na maioria das vezes, passam despercebidas. Um grande número teme pedir ajuda para não “incomodar”; outras sentem receio da interferência de terceiros em suas casas; na maioria das vezes, o sentimento é de insegurança, pois não se é “programado” para tratar as adversidades que fazem parte da existência. Não aprendemos a pedir ajuda. Assim, surgem situações difíceis de identificar e saber o que acontece da porta para dentro.

No livro *Diário de uma Boa Vizinha*, de Doris Lessing (1984), Jane, a protagonista, decide se dedicar à Sra. Fowler, idosa que vive só e em péssimas

condições de habitação. Em uma de suas visitas, ao acompanhá-la à cozinha, verifica que ela precisa subir em um banco para ligar a luz no teto; mas os fios elétricos estavam esgarçados e as paredes molhadas. Então, entra em contato com um eletricista, que vai fazer os reparos. Quando ele está saindo, comenta com Jane: “Eu não sabia que existe gente vivendo assim”. Jane lhe responde: “Então você não sabe muita coisa”.

Somos um pouco como o eletricista: não se sabe “muita coisa” sobre as pessoas idosas que vivem em isolamento, solidão e condições precárias. Atualmente, grande parte dos estudos e dos diferentes tipos de mídia está voltada para a qualidade de vida dos idosos, o envelhecimento ativo, com frequência interpretado apenas como atividade física e contínua participação social - a criação de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) e formação de cuidadores. O tema “isolamento” não tem relevância.

Em diversos países, como Portugal e França, esses temas, que pouco significavam, passaram a ser do conhecimento de toda a sociedade por meio de notícias impactantes, verdadeiras tragédias. Somente assim o Estado foi colocado em xeque e as pessoas comuns tomaram conhecimento dessa realidade. Começa então a surgir, em Portugal e na França, a mobilização da população para combater e prevenir os problemas.

No Brasil, esse assunto é de pouca visibilidade. Fazem parte de um submundo conhecido somente por assistentes sociais e profissionais da saúde ligados às políticas públicas. Programas voltados aos idosos em isolamento e condições de vulnerabilidade não têm mecanismos efetivos para identificá-los e não são de conhecimento da população.

Em São Paulo, o Programa Acompanhante de Idosos (PAI), que, em 2008, tornou-se uma política pública, é definido como modalidade de cuidado domiciliar biopsicossocial a pessoas idosas em situação de fragilidade clínica e vulnerabilidade social. Ele coloca à disposição a prestação dos serviços de profissionais da saúde e acompanhantes de idosos, para apoio e suporte nas Atividades de Vida Diárias (AVDs) e suprir as demais exigências de saúde e as sociais. Tem como objetivo desenvolver uma ação na rede municipal de saúde da cidade de São Paulo que contemple a assistência integral à saúde da população idosa dependente e socialmente vulnerável, com dificuldade de acesso ao sistema de saúde e com isolamento ou exclusão social devido à insuficiência de suporte familiar ou social.

Apesar de apresentar-se como programa de excelência, não é divulgado massivamente. A maioria das adesões ocorre dentro do que os assistentes sociais do programa chamam de “adesões espontâneas” e pelos usuários do SUS com acesso às informações. Casos de isolamento, abandono e maus-tratos chegam ao PAI quando o Ministério Público, por meio do Grupo de Atenção Especial de Proteção ao Idoso, recebe denúncia e aciona o programa, ou por meio dos Centros de Referência Especializados de Assistência Social (CREAS). Não existem mecanismos de identificação desses idosos por território geográfico.

Há ainda em São Paulo o programa “Cidade Amiga do Idoso”, que se baseia nos quatro pilares propostos pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para o envelhecimento ativo: saúde, educação, participação e segurança. Acontece em regiões isoladas da cidade e não coloca em prática os 12 itens propostos pelo Guia Global Cidade Amiga do Idoso, guia oficial que fornece indicadores para nortear os agentes políticos, públicos e particulares a melhorar a qualidade de vida das pessoas idosas nas cidades de todo o mundo.

Verifica-se, na prática, que há programas que não funcionam em concordância com a realidade da população idosa. Se o aumento do número de pessoas acima de 60 anos é crescente, igualmente é o número de idosos em situação de isolamento e condições precárias, principalmente em um país em desenvolvimento como o Brasil. Se as políticas públicas não forem suficientes para atender a esse segmento, alternativas precisam ser debatidas, especialmente aquelas que possibilitam a aproximação do setor social ao público, em ajuda mútua para identificação e solução de problemas locais.

Desejar uma Cidade Amiga do Idoso remete, primeiramente, a refletir sobre comunidades amigas dos idosos, ou melhor, comunidades amigas. A expressão “amiga dos idosos” denota certa “piedade”. Projetos deveriam estar voltados para a criação de comunidades nas grandes cidades, colaborando para os indivíduos desenvolverem uma mais ampla socialização, oportunidades de trocas de experiências e conhecimentos, e a sensação de que a cidade não é lugar apenas para se locomover, mas para viver e se conviver intergeracionalmente.

A criação de micro comunidades a partir do resgate das relações de vizinhança teria, em função do fator proximidade, lugar de destaque na aproximação do setor social ao público, principalmente na identificação, combate e prevenção do isolamento social.

Comunidade

De acordo com Moraes (2010), há dois tipos de comunidade: a territorial ou geográfica e a relacional. A primeira refere-se às cidades, bairros e regiões, nas quais os indivíduos estão ligados a um local onde influenciam o que acontece e satisfazem suas exigências por meio de recursos locais e contatos com os demais residentes. A comunidade relacional se delinea pelos valores e interesses comuns dos indivíduos. Nela, não é a localidade que define a participação das pessoas, mas os interesses comuns, para adquirir novas competências ou fazer amigos. Como exemplos, grupos de convivência, associações de imigrantes, estudantes, fóruns on-line, redes sociais - *facebook*.

Para uma comunidade existir, no modelo cuja relação se dá face a face, virtual, ou definida por espaço geográfico, o importante é haver o sentimento de pertencimento e o vínculo afetivo.

Pertencer é fundamental para o desenvolvimento de formas comunitárias de vida nas quais os indivíduos possam se vincular social e afetivamente uns com os outros e sentirem-se partícipes de um todo. (Mercadante, 2002, p.24)

Elvas e Moniz (2010) enfatizam que “quanto maior for o sentimento de identidade e de pertença, maior será a capacitação comunitária, promovendo comunidades saudáveis e sustentáveis”. Para as autoras, a elevada certeza de se estar em comunidade contribui para mobilização das pessoas em busca de soluções dos próprios problemas, promovendo maior sentimento de identificação, autoconfiança, facilitando as relações sociais e combatendo a solidão e o anonimato.

Para existir o sentimento de pertença e identidade é essencial que as relações na comunidade sejam pautadas pelas possibilidades de trocas: de se fazer ouvir e participar; da capacidade de os indivíduos defenderem as próprias exigências, respeitando o outro; da comunicação livre, em que todos participam com igual poder sem sentimentos de dominação; do compartilhar relações afetivas, e que não sejam apenas de simpatia recíproca, mas nas quais exista empatia. O grupo não terá significado pelo número de integrantes, mas a qualidade das relações que nele se formam e que não devem ser superficiais ou mecânicas, como o que acontece em distintas comunidades que trabalham por “causas nobres”, mas quando um dos seus integrantes se afasta por problemas pessoais ou de saúde, não se percebe sua ausência.

Na sociedade atual, marcada pelo individualismo, os laços comunitários estão se perdendo. Laços que para os idosos, especialmente os mais fragilizados, são de grande importância, pois facilitariam e propiciariam relações sociais, fortalecendo a autoconfiança, permitindo a eles o sentimento de proteção e segurança. A criação de micro comunidades pela proximidade seria uma possibilidade de acolhimento para os idosos, facilitando o deslocamento, convivência e levantamento de problemas e soluções para sua realidade. Essas comunidades seriam criadas em igrejas, escolas, clubes, condomínios, supermercados e unidades básicas de saúde.



Mercadante (2002, p. 24) ressalta que “viver em comunidade, sentir-se pertencente (ou pertencendo) a um grupo é para o idoso a possibilidade de viver uma solidão positiva”.

Katz (1996), citado por Mercadante (2002, p. 25), registra dois tipos de solidão: negativa e positiva. No caso dos velhos, indica como exemplo de solidão negativa situações nas quais os indivíduos não são mais suportados pela família e tendem a ser delas isolados. Afirma que “enquanto uma experiência ocidental antiga dava aos velhos um lugar de sabedoria e solidez, a nossa ensina que a velhice é um estorvo”.

Na sociedade atual os idosos, com a aposentadoria, deixam de ser produtivos, perdendo seu papel mesmo dentro da família, não tomando parte do cotidiano e decisões familiares. Há aqueles dependentes financeiramente dos familiares, que se veem obrigados a cuidar dos netos e das atividades domésticas da casa dos filhos. A maneira como a sociedade atual enxerga os velhos está carregada de preconceitos, contribuindo para o isolamento e a solidão ocorrerem não apenas no ambiente social, mas dentro da própria família.

Para o autor, a solidão positiva é conquistada e se relaciona à quebra dos laços físicos e de parentesco do lar. Como exemplo, cita o velho que se reúne em um lugar gerontológico e estabelece laços afetivos diferenciados dos “originários”. O “lugar gerontológico”, embora não especificado pelo autor, remete à importância dos centros e grupos de convivência para idosos que oferecem atividades socioculturais diversificadas, relevantes não apenas como ocupação do tempo livre, proporcionado pela aposentadoria ou pela desobrigação com os cuidados voltados para a família e filhos, mas possibilidade de dar novo sentido à vida. Calado (2004, p. 52-53) enfatiza a importância do tempo livre como “um tempo de viver, de um limiar de uma nova vida a ser inventada e vivida. A realização do indivíduo na solidão criativa, na festa, na vida comunitária”.

O tempo livre existe igualmente para todos os idosos? Fenômenos que surgiram nos últimos anos respondem negativamente à pergunta. Vários filhos, já adultos, preferem continuar morando com os pais. Há os que em determinado momento saíram da casa paterna e retornam, com a própria família, por questões financeiras e/ou separação. Em ambos os casos os idosos continuam se ocupando dos filhos e até dos netos, muitas vezes ajudando também financeiramente, e muitos abrem mão da vida pessoal e relacionamentos, voltando-se exclusivamente para esse tipo de cuidado. Para esses idosos é essencial o tempo livre, no qual haja atividades interessantes, a fim de investir neles próprios, até mesmo como maneira de amenizar a carga de responsabilidades que as situações lhes exigem.

O “tempo livre”, no qual investiriam neles próprios, deveria ser aprendido durante o percurso da vida, desenvolvendo interesses diferentes. A solidão positiva seria formada independentemente das situações com as quais se depara, o que não é tarefa tão simples, pois requer um aprendizado contínuo. Michel Manciaux (2004), citado por Quaresma et al. (2004), elenca atitudes que, se desenvolvidas durante a vida, ajudariam o idoso a ser mais resiliente.

São elas: a importância da cultura; abertura de espírito; diversificação de atividades ao longo da vida adulta; manter a capacidade de romper rotinas; capacidade de fazer amigos e cultivar a amizade; saber fixar-se numa vida interior própria; desenvolver a sua vida espiritual; ser capaz de parar para meditar e fazer um exame de sua vida.

A aceitação e a adaptação à velhice requer um trabalho contínuo do indivíduo consigo mesmo e que, em consequência das transformações que ocorrem, nem sempre é muito fácil. Os grupos de convivência são locais propícios para aprendizados e desenvolvimento de novos recursos, a partir de atividades e programas educativos. O sucesso dos grupos dependerá não apenas da capacitação, mas da humanização dos profissionais envolvidos.

Em relação aos idosos que vivem em situação de isolamento social e solidão, a participação em grupos de convivência é ainda mais relevante, pois podem viver sozinhos, mas não isoladamente. O fato de fazerem parte de uma rede de relacionamentos que lhes ofereça suporte torna possível o sentimento de proteção e segurança porque, de certa forma, saberão com quem contam. A falta de amigos para compartilhar momentos de alegrias, angústias ou mesmo ter apoio em situações críticas, é um dos fatores que podem levar os idosos ao isolamento e solidão. As redes sociais, ao contrário, se destacam na promoção e manutenção da sua qualidade de vida.

A criação de comunidades é relevante na construção de novos espaços sociais, nos quais se sintam acolhidos, não por meio de aceitação paternalista, mas um amparo que lhes possibilite serem ouvidos em suas reivindicações e busca de soluções. Espaços que devem ser pensados também como incentivos à participação sociopolítica. Almejar uma forma de vida comunitária voltada para os idosos implica saber como desejam vivê-la e conhecer os direitos assegurados para vivê-la. No que se refere ao isolamento social e solidão, a comunidade é resposta ao problema social, como enfatiza Mercadante:

A comunidade se impõe hoje como uma possível solução para a resolução de problemas locais, questões específicas de grupos de pessoas nas sociedades urbanas, nas cidades. A sobrevivência e a saúde da nova sociedade urbana e a possibilidade de resolução dos seus problemas implicam o desenvolvimento também de formas de vida comunitária na cidade. (Mercadante, 2002, p.18)

Drucker (1998) ressalta que desde a Primeira Guerra Mundial a maioria das pessoas, nos sistemas de governos democráticos ou ditatoriais, estava convencida de que o governo satisfaria as exigências de uma sociedade urbana por meio dos “projetos sociais”, os quais, em sua maioria, não tinham sucesso porque não preenchiam o vácuo causado pelo desaparecimento da comunidade tradicional.

Para o autor, o maior desafio deste século é que o setor social se ocupe da construção de comunidades - igrejas ou diferentes tipos de associações e organizações sem fins lucrativos. As comunidades seriam um meio transformador nas cidades, contribuindo para projetos de políticas públicas saírem do papel e se tornarem uma ação, que de fato atendam ao segmento idoso em condições precárias, que exige maior atenção da sociedade e do poder público.

Community Care – Cuidado Comunitário

O novo conceito de cuidado - “cuidado comunitário” - reforça a importância da criação de comunidades nas cidades e bairros. Neste sentido o cuidado, antes exclusivo e relacionado à família, tem abordagem mais ampla, baseado na aproximação entre o setor informal, que inclui redes de solidariedade primárias (parentesco, amigos, vizinhos), redes mais organizadas (voluntariado) e governo. As redes são imprescindíveis no cuidado comunitário, principalmente os vizinhos, levando em conta a proximidade geográfica. As redes informais atuam na identificação de problemas e soluções em relação a aspectos sociais e de saúde.

O “cuidado comunitário”, segundo pesquisa de Serapioni (2005), surge nos anos 70 na área da saúde mental. Especialistas e atuantes dos serviços sociais e de saúde estavam convencidos de que o cuidado comunitário deveria ser priorizado em lugar do tratamento das instituições. O Reino Unido, em 1988, recomenda aos serviços públicos apoiar e dar suporte aos cuidados informais: famílias, amigos, vizinhos e outras pessoas do local, e em 1990 lançou uma reforma no setor de saúde baseada em princípios do cuidado comunitário. Visava estabelecer parcerias entre Estado, famílias, amigos, vizinhos e grupos de voluntariado, para equilibrar a relação entre cuidado formal e informal. O governo não queria somente envolver o setor social no cuidar, mas pretendia reduzir o papel dos prestadores locais de saúde, conseqüentemente a despesa sanitária.

Na perspectiva sociológica, as redes informais da comunidade participam na identificação e soluções dos problemas em articulação com as políticas públicas, em colaboração mútua. Ainda segundo Serapioni (2005), para esse conceito ser efetivamente colocado em prática, há estratégias que precisam ser adotadas, como o estímulo à sociabilidade entre vizinhos de casa, promoção de grupos de autoajuda em nível comunitário, mobilização do suporte social para identificar as pessoas que exigem cuidados e que ainda não são conhecidas pelos serviços sociais e de saúde, e reforçar a assistência formal em nível domiciliar para as pessoas idosas e não autossuficientes. Itens de extremo significado na identificação de idosos em situação de isolamento social e vulnerabilidade. O resgate das relações de vizinhança é essencial à manutenção da qualidade de vida dos idosos, prevenção e combate ao isolamento social.

Relações de vizinhança

Unger e Wandersman (1985), citados por Moraes (2010), definem como vizinhos os indivíduos, que pela proximidade de residência, vivem no mesmo



bairro. A proximidade estaria alicerçada em um componente afetivo, que inclui o sentimento de ajuda mútua, quando há a preocupação entre vizinhos de confiar uns nos outros caso precisem de ajuda, sentimento de pertença a um bairro e a vinculação ao lugar, relacionado ao papel afetivo que os lugares têm na vida do indivíduo. Para os autores, os vizinhos, em função da proximidade, desenvolvem funções sociais que outros membros da rede social não fariam, contribuindo para o combate e prevenção do isolamento social.

Para os idosos, a falta de contatos sociais e fatores como aposentadoria, ausência ou abandono da família, morte de um dos cônjuges, perda da autonomia com declínio físico (visão, audição, dificuldade de movimentação), doenças crônicas e mentais os tornariam vulneráveis ao isolamento social. Não ter amigos levaria os idosos à solidão, que é sentida porque existe a necessidade do outro.

Mas, atualmente, o destaque atribuído ao vizinho está desaparecendo em decorrência da urbanização e de tecnologias de informação, a “cultura digital”; e a verticalização dos bairros, que no lugar de proporcionar oportunidades para o surgimento de laços de vizinhança, indicam uma tendência cada vez maior ao individualismo.

Muitos fatores que contribuem para esse isolamento, entre os quais o aumento do número de pessoas de uma mesma família inseridas no mercado de trabalho. Se for usado como exemplo um prédio no qual a maioria das pessoas está no trabalho durante o dia, pouco ou nenhum contato social ocorrerá para o idoso que permanece em casa. Para Henriques (2012), a pressão do tempo e a ênfase no trabalho, e os contatos sociais ali estabelecidos, se sobrepõem à formação e manutenção de uma rede social e pessoal. Para os idosos, que em grande parte não participam do processo de trabalho, os contatos sociais se reduzem, sendo, no entanto, indispensáveis ao estabelecimento de novas redes sociais.

Por outro lado, a “cultura digital” propicia diferentes formas de se comunicar e se relacionar. Nisso há vários avanços e pontos positivos, mas essa cultura pode impedir, de certa forma, que haja um relacionamento pessoal. Como exemplo, uma pessoa tem amigos em todo o mundo e descobre, por um aviso fixado no elevador do prédio onde mora, que morreu sua vizinha de andar, uma idosa que não conhecia. O fato presenciado em nossa rede social está bem próximo da realidade: quem mora nas grandes cidades dificilmente conhece seu vizinho ou se dá a conhecer.

Apesar dessa constatação, Nunes (1995, p. 6) destaca a importância da relação de vizinhança que “destinada a desaparecer pelo fenômeno da urbanização, é hoje recuperada e transcodificada como um fenômeno, que pode carregar consigo a resposta aos problemas de solidariedade social”, indispensável para combater e prevenir o isolamento e solidão dos mais velhos.

O estudo de Brown et al. (2009), citado por Moraes (2010), corrobora essa reflexão. O autor analisou uma população hispânica de idosos em Miami e constatou que altos níveis de relações de vizinhança estão ligados a baixos níveis de sintomas depressivos ao longo do tempo, o que indica um caminho positivo, pois esse e outros estudos mostram que sintomas depressivos são fatores que propiciam o isolamento em idosos. Moraes (2010) cita outros autores, como Thomése et al. (2003), que estudaram a relação com vizinhos entre os holandeses e constataram que quando amigáveis promoviam segurança, sentimentos de integração na comunidade e bem-estar. Os sentimentos de segurança e de integração são bastante relevantes no caso dos idosos, porque contribuem para que solicitem ajuda quando preciso e, principalmente, aqueles com saúde precária e mobilidade limitada.

Henriques (2012) destaca que é significativo o apoio social nas relações de vizinhança, e registra dois tipos: apoio prático e apoio emocional. O prático ocorre quando os membros dessas relações trocam conselhos ou ajuda específica para resolver problemas como: providenciar dinheiro, comida, roupa, ajuda em casa ou informações, que abre um grande leque de possibilidades de ajuda. O apoio emocional permite às pessoas a sensação de que os demais se preocupam com elas e que podem falar sobre os problemas pessoais. É o acolhimento, a escuta do outro.

A fim de ilustrar o fato, há uma passagem no livro *Diário de uma Boa Vizinha*, na qual a Sra. Fowler discorre sobre todos os períodos da vida em que foi feliz. Em determinado momento diz a Jane que naquele momento da sua vida era feliz, que fica furiosa de que seja preciso tão pouco para mudar uma vida. Como poderia uma pessoa como a Sra. Fowler ser feliz, morando numa casa suja e em condições tão precárias? Jane, sempre que visitava, fazia compras e não deixava que nada faltasse, e várias vezes deu banho, cuidou do urinol e das roupas sujas. Mas a felicidade à qual a Sra. Fowler se referia era ter alguém para conversar e resgatar as memórias, tristes ou alegres e, por meio dessas memórias, visitar passagens da sua vida, ricas de aprendizados, encontros e histórias, que a lembravam de quem ela era - apesar da miséria em que vivia. Essas trocas com Jane, que chegava sempre com novidades das viagens e jantares de que participava e das roupas que eram moda, atualizavam a Sra. Fowler sobre o que estava acontecendo além daquela casa miserável.

Henriques (2012) destaca a importância do companheirismo social, iniciativa comum das atividades sociais como visitas recíprocas, reuniões, passeios, festas, almoços, atividades em que as pessoas estão juntas e desfrutam momentos de trocas agradáveis e positivas. Sobre vizinhança, as ruas devem se tornar espaços de encontros e festas, como as que aconteciam em épocas passadas, nas festas juninas. Seria uma maneira de os moradores se conhecerem e estimularem os mais isolados à socialização. Para quem mora em prédio, incentivar reuniões, festas e criação de grupos de convivência.

Tornam-se extremamente relevantes projetos específicos, em ruas e praças, que estimulassem as atividades intergeracionais, a exemplo das Ruas de Lazer

que existiam na década de 70, inicialmente voltadas para crianças e jovens, que envolviam, na realidade, toda a comunidade. Enfim, projetos voltados ao desenvolvimento da solidariedade intergeracional dos quais participassem o comércio local e moradores das diversas faixas etárias. Dessa forma, educar crianças e jovens para um olhar sem preconceitos sobre a velhice, permitindo que haja relações de proximidade com os mais velhos, informando a sociedade a respeito do processo de envelhecimento - não apenas ler e/ou ouvir falar, mas vivenciá-lo por meio da solidariedade.

A qualidade das relações é fator decisivo para gerar sentimentos de segurança afetiva e material nos idosos e ser antídoto contra a solidão e a percepção de que se depende dos demais para bastar-se no dia a dia, atesta Quaresma (2004). A autora ressalta, ainda, o risco da utilização das relações de vizinhança de maneira “mecanicista”, simplesmente em substituição aos apoios formais.

Na Europa, um movimento pelo resgate das relações de vizinhança tem cada vez mais adeptos. O movimento surgiu a partir da criação da festa dos vizinhos, em 1990, por Atanase Périfan, defensor da solidariedade de proximidade. A primeira festa aconteceu no 17º bairro de Paris e mobilizou cerca de 800 vizinhos. O objetivo era aproximá-los e mobilizar as pessoas no combate ao isolamento. Em 2002, 2,1 milhões de pessoas festejaram a data em toda a França. Em 2004 foi instituído o Dia Europeu dos Vizinhos, e cerca de 3,4 milhões de pessoas participaram das festas. Atualmente, na Europa, 26 países comemoram a data. México, Canadá, Estados Unidos, Índia, Japão, Austrália e Nova Zelândia igualmente. No Brasil, houve iniciativa semelhante em Porto Alegre.

Portugal – Movimento Comunidades de Vizinhança



Em março de 2008 foi criado, na cidade do Porto (Portugal), o Movimento Comunidades de Vizinhança, parceria entre seu idealizador e presidente da Fundação Filos, padre José Maia, e o Instituto Politécnico de Gaya. Da constatação da falta de políticas sociais baseadas em filosofias de intervenção, o movimento começa a funcionar como uma cooperativa voltada à atenção aos vizinhos em situação de pobreza, exclusão social, desemprego e solidão.

Nessa época foi lançada a experiência piloto voltada para as ruas Costa Cabral, Bonfim e D. João IV. Segundo o padre Maia, a experiência serviria para uma radiografia rua a rua, verificando quem precisava de ajuda e quem era capaz de ajudar. Em seguida, a “radiografia rua a rua” seria utilizada para humanizar a cidade. O trabalho era feito por voluntários cooperantes e capacitados denominados “Sentinelas de Rua”, cuja missão seria a identificação daqueles que exigiam ajuda e dos que se sentiam mobilizados a ajudar.

O Movimento se mantém em atividade, a partir de parcerias com a Fundação Filos, instituição particular de solidariedade social da congregação dos Missionários Claretianos, o Instituto Politécnico de Gaya e cidadãos da cidade do Porto. Apresenta-se como um movimento inspirado na “economia solidária”, de natureza cooperativa. Para sua constituição os idealizadores se basearam nos artigos 263, 264 e 265 da Constituição daquele país, que contemplam a “intensificação e participação das populações na sua vida administrativa e local”.

Para o Movimento, é fator determinante se transformar em expressão de cidadania participativa que valoriza a proximidade de vizinhança, berço de um novo conceito de parentesco: o “parentesco de proximidade”. Nas intervenções têm prioridade as pessoas idosas em situação de abandono, solidão e doença. **A rua é o espaço de atuação no qual se procura transformar atitudes de indiferença em iniciativas de solidariedade e presença.** Sua missão principal é o respeito aos direitos das pessoas idosas, expressos no artigo 72º da Constituição portuguesa: as pessoas idosas têm direito à segurança econômica, condições de habitação, convivência familiar e comunitária que evitem o isolamento.

Em dezembro de 2010, no mesmo endereço da sede do Movimento³, foi inaugurada a primeira Casa dos Vizinhos, local destinado ao encontro. Várias atividades ali são desenvolvidas, como oficinas de tricô, artesanato, cinema e música. Além de entreter, permite criar laços de amizade e afetividade.

Em entrevista concedida em janeiro de 2012 à Agência Ecclesia, o padre Maia ressaltou que o objetivo da Casa dos Vizinhos é ser um local onde os idosos em solidão convivam em sua própria rua, valorizando o espaço urbano e humanizando a cidade. Segundo ele, “há muita gente que vai para lares e pode encontrar resposta na sua própria rua, um espaço a ser mais bem aproveitado”.

³ O Movimento tem sua sede na cidade do Porto, site, endereço eletrônico, blog “Sentinela Alerta” http://alertasentinelablogspot.com.br/2009_01_01_archive.html e Facebook (desde maio de 2011).

Na mesma entrevista, o padre divulgou que a Fundação Filos já havia identificado 16.675 idosos vivendo em situação de pobreza, parte em casas degradadas, sem condições de convalescença quando têm alta de um hospital.

Com o objetivo de melhor identificá-los e criar meios para conhecerem e confiarem no projeto passou-se a divulgar a Casa dos Vizinhos em uma rádio local. A Fundação Filos tem um programa aos sábados pela manhã, muito ouvido pelos idosos, de acordo com o padre Maia. Ao mesmo tempo, iniciou-se uma campanha para criação de parcerias com a Polícia de Segurança Pública, comerciantes, Santa Casa de Misericórdia e outras instituições que trabalham com idosos. O desejo do padre Maia assim se exprime: **“Que o povo de cada rua saia da indiferença e se preocupe mais com o que se passa à sua volta”, fazendo da rua “um condomínio” e dos moradores “uma família”, criando “um parentesco de vizinhança”.**

Outros projetos, além de Sentinelas de Rua e Casa dos Vizinhos, são desenvolvidos pelo Movimento, como distribuição de aparelhos de tele assistência para idosos que vivem ou ficam muito tempo sozinhos. Esses aparelhos são usados como relógio, no pulso, colar ou pescoço, possuem GPS, que ajuda a localizar o idoso caso se perca. Os portadores ficam 24 horas em contato com uma central de enfermeiros e assistentes sociais, apta a receber chamadas não apenas em caso de emergência, mas quando sentem falta de se comunicar com alguém.

O projeto Gerações Empreendedoras tem como objetivos a promoção da solidariedade intergeracional, incentivo o surgimento de talentos que contribuam com ideias inovadoras para solucionar problemas como solidão, isolamento, ressignificação e valorização de experiências e histórias dos idosos. O projeto Ma1s Um é formado por pessoas/empresas/instituições que voluntariamente, ou por meio de “preços sociais”, inscrevem-se na Bolsa de Procura e Oferta e no Banco de Bens e Serviços, contribuindo para a criação de uma economia solidária, e Casa Doce Lar, projeto em que jovens universitários reconstróem a casa de idosos carentes.



O documentário “Comunidades de Vizinhança apoia idosos que vivem sós”, da Rádio Televisão de Portugal (RTV), levado ao ar em 28 de outubro de 2013, apresenta o trabalho do Movimento Comunidades de Vizinhança na reconstrução da casa de uma idosa de nome Fátima, que vivia sozinha. Na casa de dona Fátima, que se encontrava degradada, trabalharam 15 jovens universitários de Barcelos, que realizaram todas as obras a custo zero. Ela nunca tivera cortinas em casa, e agora cobriam suas janelas. A degradação do imóvel se estendia à proprietária. Após três anos assistida pelo Movimento, tornou-se outra pessoa. Como relata, consegue ir ao centro, e no início, os voluntários lhe davam banho e comida. Uma ajuda que, como diz: “não se calcula”.

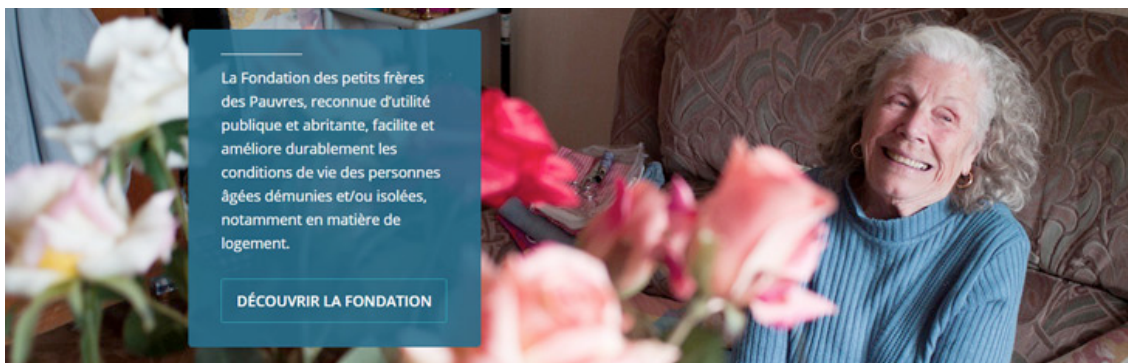
Em 2011, foi encontrado o corpo (esqueleto) de uma idosa (que vivia sozinha), perto do esqueleto de seu cão. Ela havia morrido fazia nove anos, sendo encontrada somente porque a casa foi penhorada. O caso veio a público, tornando visíveis o isolamento e a solidão dos idosos em Portugal. O fato obteve grande repercussão, pois ganhou a primeira página dos jornais de diversas partes do mundo, e suscitou distintas declarações, entre elas a do sociólogo Villaverde Cabral:

É uma pena que tenha de haver casos trágicos como este para que a opinião pública tome consciência, através da comunicação social, do problema cada vez mais frequente do isolamento em que vive grande parte dos idosos [...] É extraordinário que nem as autoridades policiais, nem tampouco os serviços de saúde e da segurança social se tenham interessado pelo desaparecimento da octogenária, mesmo quando foram alertadas pela vizinhança. (Diário de Notícias Portugal, entrevista do dia 09/02/2011)

O mesmo diário entrevistou na ocasião o presidente da Associação de Médicos de Saúde Pública, Mário Durval, que declarou: “Esta situação é consequência da evolução demográfica: há aumento do número de idosos e aumento do número de idosos que vivem sozinhos”. Salientou que **os casos de solidão são ainda mais graves nas cidades devido ao “anonimato”**. “Nas periferias ou em zonas mais ruralizadas é mais fácil dar por isso quando os vizinhos deixam de aparecer ou quebram as rotinas”, disse o médico (Diário de Notícias Portugal, entrevista do dia 13/02/2011).

Em entrevista ao Jornal Correio da Manhã do dia 19 de março de 2011, o padre José Maia, do Movimento Comunidades de Vizinhança, foi questionado se a notícia deu “maior razão de ser ao projeto”. Ele respondeu que sempre esteve convicto da valia do projeto e das políticas que promovem a vizinhança ativa. Salientou que o Estado “falha redondamente” e que, em Portugal, não há política para as pessoas idosas, “as que mais precisam de ajuda”.

França – *Petits Frères des Pauvres* – *Voisin-Age* - Irmãozinhos dos Pobres – Vizinho-Idade



Em Paris, França, surge em 1946 a Associação *Petits Frères des Pauvres* (Irmãozinhos dos Pobres). A história de seu idealizador, Armand Marquiset, e o interesse em ajudar os necessitados remontam aos anos 1930. Ele pertencia à alta sociedade francesa e tinha uma carreira como pianista e compositor, mas em 1930, a partir de uma experiência religiosa, abandona a carreira e passa a se dedicar às pessoas mais carentes.

Em 1932 criou a Associação para que o Espírito Viva, com o intuito de ajudar artistas e intelectuais. Em 1936, outra associação, “Os Amigos do Subúrbio”, tinha como objetivo ajudar crianças carentes da periferia. Em 1946, em razão da situação econômica e social da França no pós-guerra, decide se dedicar às pessoas idosas, as mais necessitadas, surgindo a Associação *Petits Frères des Pauvres*⁴, da qual esteve à frente até 1981, quando faleceu. Mesmo após a morte de Marquiset, a associação continua o seu trabalho, baseada nos valores por ele pregados. A associação foi reconhecida de utilidade pública em 1981.

Em 2003, a forte onda de calor que atingiu a Europa tornou-se, na França, uma tragédia. Morreram 14.806 pessoas, na maioria idosos, que viviam ou se encontravam sozinhos. A partir desse fato, a Associação *Petits Frères des Pauvres* criou o projeto *Voisin-Age* (Vizinho-Idade), cuja missão é o desenvolvimento das relações intergeracionais por meio da solidariedade, proximidade e vizinhança, atendendo idosos em situação de isolamento e precariedade, e que existe em várias cidades francesa - Nantes, Nice, Toulon, Grenoble - e em mais oito países.

Dela participam voluntários que definem quando e como desenvolverão o trabalho⁵. O site, muito bem elaborado, contém as principais informações sobre o projeto e como tornar-se um voluntário, além de artigos e relatos de pessoas que aderiram ao projeto. Uma chamada na página principal convida as pessoas a encontrarem vizinhos idosos próximos e tecerem ligações de vizinhança e amizade. Um vídeo de animação orienta, de maneira simples e bem-humorada, como fazê-lo.

Um link responde a questões como o que fazer quando não se tem, sempre, tempo disponível. O tempo e o meio de fazer o trabalho são definidos pelo voluntário. O que fazer se a pessoa é capaz de somente “dar uma ajuda” em determinados momentos? Nada impede a participação, dentro do tempo disponível. O que fazer quando se sentir inquieto com a pessoa idosa que se visita e surge, por exemplo, um problema de saúde? A orientação é para se dividir o problema com outros voluntários. Se isso não for possível, deve se dirigir ao escritório mais próximo da associação para aconselhamento.

Outro link orienta os voluntários como se posicionarem diante dos idosos a serem contatados, informando-lhes que o trabalho não é de ajuda e assistência, e, portanto, não dispensa os diferentes serviços de assistência

⁴ <https://www.petitsfreresdespauvres.fr/la-fondation-des-petits-freres-des-pauvres.html>

⁵ Há um escritório central em Paris. No Facebook desde 2010: <https://www.facebook.com/lespetitsfreresdesPauvres>.

domiciliar, sociais ou serviços domésticos. É um trabalho gratuito e requer que o idoso queira estar nele inserido. Quando o voluntário faz um primeiro contato e sente resistência por parte da pessoa idosa, é orientado a indicar que a pessoa ligue para o escritório local da *Voisin-Age* ou passe o número de telefone, para que um responsável entre em contato.

São distintos os trabalhos desenvolvidos: uma visita, um telefonema para contar as novidades, um convite para um chá, uma caminhada, fazer artesanato juntos, um passeio, ir ao cinema, ao teatro, entre outros.

O *Voisin-Age* faz parte do projeto Monalisa - Mobilização Nacional contra o Isolamento Social dos Idosos - lançado no começo do ano de 2015 na França, que tem como principal objetivo chamar a atenção para a solidariedade em relação ao isolamento das pessoas idosas. A mobilização pretende ser um catalisador para recuperar e criar ambientes amigáveis de vizinhança e proximidade, essenciais à coesão social. São formadas equipes de voluntários a partir de instituições assistenciais existentes ou de novas equipes que queiram se organizar. O projeto favorece financeiramente a criação de equipes que se disponham a trabalhar em regiões de difícil acesso, nas quais vivam idosos em situação de vulnerabilidade e exclusão social. Em 2014 divulgou um documento, a “Carta Monalisa”, para promover e proteger as parcerias e as iniciativas já desenvolvidas, lançar a Associação Monalisa e um comitê nacional.

Análise dos modelos

Os dois modelos pesquisados se ancoram nas relações de vizinhança e no voluntariado de proximidade como meios para prevenir e combater o isolamento social e a solidão dos idosos. Para análise desses programas, elencamos os itens relevantes:

a) Do voluntariado

Nos dois modelos não existe um limite de idade para quem deseja participar dos projetos, ao contrário, incentivam a participação intergeracional. Os voluntários têm a função de identificar, dentro da região onde residem, as pessoas que necessitam de ajuda e as que podem ajudar. Após a identificação, desenvolvem atividades de suporte informal de acordo com o projeto de cada país. No modelo português e no francês observou-se a participação de jovens universitários.

No modelo francês, os voluntários têm autonomia para definir como e quando desenvolverão o trabalho. Os escritórios servem para dar suporte em caso de dúvidas ou dificuldades.

b) Do território de abrangência das atividades desenvolvidas

O modelo português trabalha nas ruas do entorno da sua sede, no Porto, na rua Costa Cabral. O modelo francês não tem território geográfico único, pois está em várias cidades da França e em outros oito países.

c) Mecanismos de identificação

Nas ruas da cidade do Porto é feito pelos voluntários, que incluem moradores, amigos e comerciantes, e um programa de rádio local de grande audiência entre os idosos. O modelo francês usa a internet, e a partir de um site muito bem elaborado sensibiliza e mobiliza as pessoas a identificar vizinhos idosos próximos e a desenvolver relações de vizinhança e amizade. Esse modelo é replicado rapidamente pelo site e *facebook*, justificando a presença em diversas cidades.

Nos dois modelos, é relevante o meio que utilizam para identificação. O modelo francês mostra que as redes sociais, quando bem utilizadas, funcionam como poderoso instrumento para mobilizar e identificar rapidamente um grande número de pessoas.

d) Público atendido

No modelo português são prioridade os idosos em situação de isolamento, solidão, abandono e doença. No modelo francês, os idosos carentes não aparecem nos vídeos de mobilização dos voluntários e relatos de experiência que constam no site. Normalmente, os idosos atendidos no projeto demonstram ter condições razoáveis de vida, mas vivem sozinhos.

Em um primeiro momento o projeto francês pareceu seletivo, mas não foi possível uma conclusão definitiva por falta de maiores informações. Este estudo considerou relevantes os dois modelos porque ambos, apesar das realidades atendidas serem diferentes, trabalham com o isolamento social e a solidão, que atingem ricos e pobres.

e) Do trabalho desenvolvido pelos voluntários

No modelo português, por atenderem os mais necessitados, desenvolvem, além da identificação dos idosos, visitas domiciliares, com cuidados quanto à alimentação, higiene pessoal e manutenção da moradia, limpeza e estrutura. Jovens universitários ajudam a reconstruir casas, sem custos, no projeto Doce Lar. Há a “Casa dos Vizinhos”, centro de convivência com várias atividades para os idosos - artesanato, música, oficinas de tricô - que visam entreter e proporcionar a criação de laços de amizade. O projeto também distribui aparelhos de tele assistência.

No modelo francês, as visitas dos voluntários estão ligadas a momentos de encontros na própria casa do idoso, para chás, jogos, conversas ou, fora do ambiente do domicílio, com passeios, compras, visitas a museus, cinemas, teatros etc. Nesse modelo, os voluntários deixam claro aos idosos que o trabalho não é assistencial, e que não devem dispensar os diferentes serviços de assistência domiciliar sociais, de saúde e serviços domésticos.

No modelo português, pelo próprio relato do seu fundador, os voluntários não contam com o Estado nas questões sociais e de saúde, o que faz o trabalho desenvolvido ser mais assistencial. Os franceses demonstram ter um sistema público cuja assistência social é mais presente, o que possibilita que desenvolvam trabalhos na forma de encontros, passeios e visitas, muito importantes no combate ao isolamento social e à solidão.

f) Relações intergeracionais

Ambos os modelos têm como objetivo desenvolver as relações intergeracionais por meio da solidariedade. O modelo português vai mais além, incentivando, a partir de concursos, jovens empreendedores que tenham ideias inovadoras para solucionar problemas como a solidão e o isolamento social. Se se pretende ultrapassar os preconceitos que dificultam as relações com as pessoas idosas, é essencial delas se aproximar, como o fazem os projetos pesquisados. Grande parte da sociedade não sabe como vivem seus velhos porque passam despercebidos.

Uma passagem no livro *O Diário de uma Boa Vizinha* (1984, p.19) mostra que não existe visibilidade para os idosos: Jane, que vivia preocupada com o sucesso, roupas e conforto, após perder o marido e em seguida a mãe, vê a sua vida se transformar e decide fazer algo diferente. Lê em um jornal um anúncio: “Gostaria de ser amiga de uma pessoa idosa?”. A partir desse momento têm início o seu envolvimento e o aprendizado com os idosos. Logo no começo da nova atividade se questiona: “Até algumas semanas atrás eu não via as pessoas idosas. Meus olhos eram atraídos, e eu via os jovens, os atraentes, os bem vestidos e belos. Agora, é como se uma tela transparente tivesse descido sobre o quadro anterior, e ali, subitamente, estavam os velhos”.

Os projetos pesquisados, a partir das relações intergeracionais de solidariedade, oferecem oportunidades às novas gerações de entrar em contato com os idosos e desenvolver um novo olhar sobre a velhice, desconstruindo estereótipos e preconceitos associados a essa fase da vida. Essas gerações com certeza lidarão melhor com a própria velhice e a dos que estiverem ao seu redor, e saberão os tipos de velhice que querem viver. Os projetos, quando possibilitam o trabalho de solidariedade entre diferentes gerações, lançam um olhar sobre os idosos, não apenas dirigido às perdas e incapacidades, fatores sempre associados à velhice e que podem acometer o ser humano em qualquer fase da vida, mas promovem a integração dos idosos na sociedade e conseqüentemente a valorização dessa fase.

Quando os idosos transmitem às novas gerações o valor do viver a partir das experiências, ajudam-nas a reformular conceitos sobre o envelhecimento. Quando elas apresentam aos idosos possibilidades de aprendizagem, contribuem para que estes se (re) organizem e deem novo sentido à vida. No site do *Voisin-Age*, um relato descreve com precisão o que aqui se refere:

Alain é, para mim, como um membro da minha família. Ele sabe que pode contar comigo, e eu sei que posso contar com ele. Ele não gosta de falar, o que lhe dá prazer é ter companhia, e eu passo o tempo perto dele, tranquilo, eu o faço descobrir a música que eu amo. De tempos em tempos nós comemos juntos e ele me conta sua juventude. (Dimitri, 17 anos, estudante).

g) Dos meios de divulgação

Ambos os modelos utilizam a internet, têm *site*, *facebook* e *blog*. No modelo francês o *site* e o *facebook* são a principal ferramenta para divulgar e replicar o projeto. O interessado em ser voluntário encontra no site todas as informações para se cadastrar e como funciona o projeto. Muito bem elaborado, com vídeos e relatos de experiência, prende a atenção de quem o acessa. O modelo português está igualmente bem elaborado, mas não movimentava o *site* e o *facebook* com atualização das ações. Por outro lado, há programa de rádio local com o objetivo de os idosos conhecerem o projeto e passarem a confiar e a ele aderir, como voluntários ou assistidos.

Na análise dos dois modelos, se observa como são indispensáveis as relações de vizinhança para os idosos, no suporte afetivo e prático, especialmente aqueles em situação de isolamento e solidão. A preocupação em proporcionar atividades que os tornem mais participativos é salutar, além das atividades sociais oferecidas. A proximidade facilita e proporciona que os suportes aconteçam.

O guia global “Cidade amiga do idoso”, na seção 8, item “participação social”, assinala a relevância da participação dos idosos:

Participação social e suporte social são muito ligados à boa saúde e ao bem-estar ao longo da vida. A participação em atividades de lazer, sociais, culturais, espirituais na comunidade, bem como junto à família, permite que os idosos continuem a exercer a sua autonomia, gozar de respeito e estima ou manter relacionamentos de apoio e carinho⁶.

No mesmo item, no combate ao isolamento, é reforçado o valor da criação e promoção de atividades que estimulam a participação dos idosos. Mas, em nenhum momento, o guia cita o incentivo às relações de vizinhança, base para se desenvolverem as atividades mencionadas.

Se é essencial incentivar escolas, bibliotecas e outros espaços a serem locais de convivência de idosos, é preciso, antes de tudo, ter um trabalho local que envolva a vizinhança. Na elaboração do projeto “Cidade amiga do idoso”, vários idosos foram ouvidos, e a partir dos depoimentos elaborou-se o programa e o guia global. Na mesma seção 8, os idosos entrevistados relatam que gostariam de participar de atividades próximas de onde moram, e que os ajudem a se integrar à comunidade e às pessoas das demais faixas etárias e culturais. Os idosos foram ouvidos, mas não compreendidos.

Cada seção apresentada no “Guia global – Cidade amiga do idoso” tem, no final, uma lista de itens (*check-list*) a ser cumprida por aqueles que desejam implantar o programa. Na seção 8 o guia indica, por exemplo, que é conveniente que as atividades propostas aos idosos ocorram nos bairros, com

⁶ <http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>

transporte variado e de baixo custo. Em outro parágrafo, cita que as atividades podem ocorrer em locais diferentes, como escolas, bibliotecas, centros comunitários, parques e jardins. Os itens elencados parecem viáveis se se deseja uma cidade ativa, dentro dos conceitos de envelhecimento ativo. Idosos com dificuldade de mobilidade e aqueles em isolamento social requerem que distintas propostas sejam reavaliadas, permitindo sua contínua participação social.

A prevenção ao isolamento social teria nessas atividades um grande aliado, mas quando o isolamento já é uma situação vivenciada requer providências criativas. Não será a divulgação de uma atividade, por meio de um convite pessoal ou deixado na porta do indivíduo, que o fará sair dessa situação. O que está por trás do isolamento social é muito mais complexo do que se supõe.

Considerações

Diante do exposto, constata-se que a prevenção e o combate ao isolamento e à solidão na velhice não dependem, exclusivamente, da intervenção do Estado, mas da articulação de toda a sociedade.

Os trabalhos desenvolvidos pelos projetos pesquisados têm na aproximação intergeracional de solidariedade um meio de combate ao preconceito etário, ao isolamento social e à solidão dos idosos. Possibilitam que os indivíduos envolvidos nos projetos adquiram maior consciência social e, por meio do cuidado com o próximo, desenvolvam oportunidades para uma vida em comunidade mais positiva. Quando incentivam o resgate das relações de vizinhança, além de estarem voltados à efetiva sensibilização e mobilização social no combate e prevenção ao isolamento social e solidão, inserem os idosos na comunidade que os cerca, tornando-os mais participativos e consequentemente com melhor qualidade de vida.

Os projetos ressaltam que as políticas públicas devem incentivar iniciativas mais efetivas no combate e prevenção ao isolamento social e solidão, e que a aproximação do setor social permitiria que fossem colocados em prática, com maior eficiência, programas já existentes.

Tratar da participação social, como o programa “Cidade amiga do idoso”, com base no envelhecimento ativo, como ferramenta para o combate ao isolamento social e solidão, requer reavaliar bairros e vizinhanças como espaços sociais ampliados, incentivando as comunidades a participar ativamente não apenas na identificação e solução de problemas, mas na ampliação das redes sociais e de solidariedade.

Devemos nos voltar, então, a projetos de largo alcance social, ao incentivo e incremento de comunidades intergeracionais solidárias mais participativas, que contribuam para a reinserção dos idosos na sociedade, a fim de que tenham uma longevidade com qualidade. Que a valorização dessa etapa da vida dê às novas gerações ferramentas que possibilitem, cada vez com maior intensidade, um melhor longeviver.

Para finalizar, compartilhamos o que afirma Loriaux (1994), citado por Quaresma (2004, p.7), que corrobora esta reflexão:

O futuro não pertencerá unicamente às pessoas idosas, o que seria contrário à própria ideia de integração das gerações. Mas também não se fará sem elas, o que é uma oportunidade a não negligenciar.

Referências

CALADO, D. F. Velhice - Solidão ou vida com sentido? In QUARESMA, M.L. (coord). *O Sentido das Idades da Vida*. Lisboa: CESDET, 2004.

DRUCKER, P.F. *Civilizando a Cidade. In: A Comunidade do Futuro*. São Paulo: Futura, 1998.

GOMES, M. R. *Poder no Jornalismo: Discorrer, Disciplinar, Controlar*. São Paulo: Hacker Editores / Edusp, 2003.

HENRIQUES, J.M.T.B. *Voluntariado de Proximidade - Relatório de Projeto*, 2012. Tese (Mestrado). Instituto Politécnico de Beja, Escola Superior de Saúde de Beja, Beja, Portugal.

LESSING, D. *O Diário de uma Boa Vizinha*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

MAY, T. *Pesquisa Social: questões, métodos e processo*. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 3ª ed., 2004.

MERCADANTE, E.F. Comunidade como um novo arranjo social. *Revista Kairós v.5 – n.2. NEPE – Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia – PUC-SP, 2002.

MORAES, S.M.R.B.M. *Viver na Alta de Lisboa: O impacto psicológico de Comunidade e das Relações de Vizinhaça no Bem-Estar*, 2010. Tese de Mestrado. Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Nunes, J. A. Com mal ou bem, aos teus te além. *Revista crítica de ciências sociais*, nº42. Coimbra: Centro de estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 1995. In GUERRA, Joana. *O Efeito Vizinhaça. Conselho Local de Acção Social - sessão aberta - 12 de maio de 2010*. Disponível em http://www.cm-viseu.pt/doc/solidariedade/redesocial/classessoesabertas/4_2_EFEITOVIZINHANCA.pdf

QUARESMA, M.L. et al. *O Sentido das Idades da Vida. Interrogar a solidão e a dependência*. Lisboa: CESDET, 2004.

SERAPIONI, M. O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. *Revista Ciência e Saúde Coletiva* v.10. Rio de Janeiro, Set/Dez.2005.

TEIXEIRA, L. M.F. *Solidão, Depressão e Qualidade de vida em idosos: Um estudo avaliativo exploratório e implementação - piloto de um programa de intervenção*. 2010. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Consultas on-line

Caso de idosa encontrada morta em casa mostra “urgência” no combate ao envelhecimento demográfico. Disponível em http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1780024&seccao=Sul Acesso em março/2014.

Comunidades de Vizinhança apoia idosos que vivem sozinhos. Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=691407&tm=8&layout=122&visual=61> Acesso em fevereiro/2014.

ELVAS, S.; MONIZ, M.J.V. Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 28, n. 3, set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000300006&lng=pt&nrm=iso Acesso em 05 maio 2014.

Há uma palavra importante: Partilha. Disponível em: <http://renovarporto.blogspot.com.br/2008/11/entrevista-ao-padre-jos-maia.html> Acesso em fevereiro/2014.

Les Petits Frères des Pauvres. Disponível em: <http://www.petitsfreres.asso.fr/> Acesso dez/2013 – fev/2014

Mais idosos sozinhos e em grande carência. Disponível em http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=1732843&page=-1 Acesso março 2014.

Médico diz que mortes solitárias “não são raras”. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1783201 Acesso março/2013.

Movimento Comunidades de Vizinhança. Disponível em: <http://www.mcvizinhanca.org//content.php?pageid=11> Acesso em dezembro/2013 – fevereiro/2014

Não há política para pessoas idosas. Disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/portugal/nao-ha-uma-politica-para-as-pessoas-idosas> Acesso fevereiro/2014.

O Dia Europeu dos Vizinhos. Disponível em: <http://www.calendarr.com/portugal/dia-europeu-dos-vizinhos/> Acesso abril/2014

Solidão dos idosos é “submundo dramático”. Agência Ecclesia. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=89312> Acesso em dezembro/2103 – fevereiro/2014.

Voisin-Age. Disponível em: <https://www.voisin-age.fr/qui-sommes-nous/> Acesso dezembro /2013 – fevereiro 2014.

Data de recebimento: 10/12/2015; Data de aceite: 13/01/2016.

Denise Azevedo Magalhães Silva - Arte-terapeuta (FAAP), especialista em Lazer e Animação Sociocultural (Senac). Terapeuta - práticas corporais chinesas (Centro Hospitalar do Mandaqui, Secretaria de Estado da Saúde e Escola CH'AN TAO), (Via 5 – Oriente/Ocidente, Arte e Cultura). Pós-graduanda em Gerontologia pela PUC/SP - Campus Ipiranga. Terapeuta e professora na Saresta (Sociedade Amigos do Residencial Santa Teresinha), terapeuta com atendimento domiciliar na reabilitação cognitiva através da música para pacientes com Alzheimer. E-mail: t.holistica@uol.com.br